

L+82

LT-82

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FCULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

CURSO DE LINGUISTICA

TRABALHO DE PROJECTO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA EM

LINGUISTICA

TEMA: PROPOSTA DE EDIÇÃO COMENTADA DO TEXTO DE JOÃO DIAS

"GODIDO"

Trabalho de Proecto apresentado em cumprimento parcial dos
requisitos exigidos, para a obtenção do grau de Licenciatura
em Linguística, na UEM.

LUIS VASCONCELOS PEDRO

ANO: V

MAPUTO, DEZEMBRO DE 1996.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FCULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

TEMA: PROPOSTA DE EDIÇÃO COMENTADA DO TEXTO DE JOÃO DIAS

"GODIDO"

Trabalho de Proecto apresentado em cumprimento parcial dos
requisitos exigidos, para a obtenção do grau de Licenciatura
em Linguística, na UEM.

Por: **LUIS VASCONCELOS PEDRO**

Supervisora: **Dra. FATIMA MENDONÇA**

MAPUTO, DEZEMBRO DE 1996.

821.134.3 (679)
P3727. 04

F. LETRAS U.E.M.	
R. E.	26128
DATA	27/12/1998
AQUISIÇÃO	Centra
COTA	LT-82

DECLARAÇÃO

Declaro que este Trabalho de Projecto nunca foi apresentado, na essência, para obtenção de qualquer grau e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicados, no texto e na bibliografia, as fontes por mim utilizadas.

Trabalho de Projecto apresentado em cumprimento
parcial dos requisitos exigidos, para obtenção do grau
de Licenciatura em linguística, na U.E.M.

DEDICATÓRIA

A mamã

Dedico-te este trabalho, mãe, pois que na tua presente ausência, sempre te senti presente, tanto nos momentos de facilidade e felicidade, como também, e acima de tudo, nos momentos de dificuldade e de tristeza, dizendo-me: "Estuda meu filho, estuda."

Foi a tua presença, quase física, sempre me incitando, me dando alento, ternura, amor e carinho, que me levou a conclusão deste trabalho.

Fosse que no passado, não me tivesses mostrado o caminho das letras, então, hoje não seria Linguísta.

Continua comigo, mamã...para sempre.

...teu filho...

AGRADECIMENTOS

A Dra. Fátima Mendonça, minha supervisora e professora, que sabiamente me encaminhou, tanto no decurso da cadeira de literatura como no Trabalho de Projecto, possibilitando que a finalização da minha carreira como estudante, fosse um sucesso.

Aos meus professores, que durante cinco anos, com paciência e perseverança, me foram dando o saber, que hoje se consubstancia na forma de ser chamado de doutor.

A todos os funcionários da faculdade, e não só, mas com particular realce para os trabalhadores da biblioteca, que desde o primeiro dia da minha estada na U.E.M., souberam encaminhar os meus dedos e olhos, no folhear e ler os livros que me possibilitaram, hoje, a conclusão do curso.

A Força Aérea de Moçambique, pela autorização que me concedeu para continuação dos meus estudos.

A todos os colegas, particularmente os de turma, que com paciência, camaradagem e amizade, contribuíram positivamente para a minha formação, como homem e como graduado.

A todos os amigos, que de maneira desinteressada, muitas vezes inadvertidamente, mas com amizade e carinho, possibilitaram a conclusão deste trabalho.

A familiares, conterrâneos, que me orgulharam com a sua ajuda, de natureza temática, pedagógica, didáctica,

possibilitando que este trabalho não se considere só meu, mas também deles.

A meu pai, que disse: "Estuda filho, que é no saber que estará a tua realização.

Uma homenagem a todos os meus irmãos, parentes, que sempre estiveram próximos de mim, dando-me força e recursos para a continuação da aquisição do saber.

A minha esposa, que me incitava a estudar, dizendo que esse gesto teria significado de importância particular para os nossos filhos, pois nele veriam um exemplo a seguir.

A minha filha Lúcia, por mim chamada de "Bosina" e ao meu filho Eden, por todos conhecido de "Maninho", pelo carinho, ternura e amor que deles pude retirar, dando-me alento para as intermináveis horas de estudo, cujas travessuras, que longe de me incomodarem, me possibilitavam um relaxamento sempre oportuno para um maior engajamento nas lides estudantis.

E, finalmente, um protesto veemente ao meu irmão Valeriano que, sem a sua ajuda, os estudos, a sua conclusão, teriam sido possíveis, sim, mas com mais dificuldades do que facilidades. Uma vénia, pois, de reconhecimento.

SUMÁRIO

O presente trabalho tem em vista um estudo do texto de João Dias, "Godido", com a intenção de propor uma edição comentada do mesmo.

O estudo enquadra-se na área da literatura, pretendendo ser um contributo para um melhor conhecimento e compreensão do autor e do texto.

Na introdução, são tecidas considerações gerais, fazendo-se também uma abordagem sobre os objectivos, importância e motivação da pesquisa.

A primeira parte, trata da recepção da obra de João Dias, por parte de diferentes leitores, fazendo-se também uma abordagem da recepção poética que a obra teve.

A segunda parte, apresenta Godido como representação da história, procurando comparar Godido, personagem da vida real, com o Godido ficcionado da narrativa.

Na terceira parte, apresenta-se uma proposta para a fixação do texto e também, são tecidas considerações para uma leitura de Godido como projecto de romance.

Na quarta parte é apresentada uma proposta de notas explicativas e, na quinta parte são tecidas as conclusões sobre o trabalho.

A sexta parte trata dos anexos.

INDICE

Declaração.

Dedicatória.

Agradecimentos.

Sumário.

Introdução.....	1.
1. Recepção de GODIDO.....	5.
2. Godido como representação da História.....	11.
3. Proposta de fixação do texto.....	14.
3.1. Ordenação dos excertos.....	16.
3.2. Leitura de "Godido" como projecto de romance....	19.
4. Proposta de notas explicativas.....	24.
5. Conclusão.....	27.
6. Anexos.....	29.

Notas e Referências Bibliográficas.

Bibliografia.

INTRODUÇÃO

João Dias, filho de Estácio Dias, prestigioso jornalista moçambicano de "O Brado Africano", nasceu em Lourenço Marques (hoje Maputo), aos 25 de Maio de 1926, tendo falecido em Lisboa, com apenas 23 anos, aos 25 de Março de 1949, no hospital de Rego, vítima de pneumonia (1).

O ensino primário e secundário fê-lo na cidade de Lourenço Marques tendo, posteriormente, frequentado a Faculdade de Direito em Coimbra, onde viveu cerca de 3 anos. No ano da sua morte encontrava-se matriculado na Faculdade de Direito, de Lisboa.

Deixou inéditos um conjunto de treze textos, impressos sob o patrocínio da secção de Moçambique da C.E.I., editados em 1952, em Lisboa, com prefácio de Orlando Albuquerque, que com Alda Lara e Vítor Evaristo procederam a sua à sua organização.

João Dias foi desde a 1ª hora foi um dos mais entusiastas elementos dos "moçambicanos da Metrópole", componente de "conjunto" e, colaborar de vários jornais e revistas, tanto do continente como do ultramar.

Dedicou-se à crítica cinematográfica, ao conto e ao jornalismo, tendo deixado colaboração dispersa, quer pela imprensa moçambicana, como: Itinerário, Lourenço Marques Guardian, Agora; quer em Portugal: Vértice, Gazeta de Coimbra, Vila Latina, Meridiano.

Na badana da primeira edição de "Godido e Outros Contos" lê-se:

" A morte surpreendeu-o quando o seu espírito começava a ter aquela maturidade e consciência social e humana que nos fazia esperar dele uma obra digna dos ideais por que pugnou".

Após a independência da Moçambique, a editora portuguesa "Edições 70", pretendeu reeditar "Godido e Outros Contos", tendo chegado solicitar a Manuel Ferreira um prefácio para o efeito.(2). Contudo esse projecto não chegou a realizar-se, tendo a segunda edição dos textos de João Dias, sido editada pela AEMO, em 1988, com prefácio de Cyprian Kwilimbe, sem quaisquer notas explicativas.

Como já foi referido, João Dias morreu muito jovem. Como escritor constituía uma promessa, não tendo sequer chegado a terminar os textos publicados postumamente.

Manuel Ferreira afirma no seu prefácio manuscrito:

" A uma certa imaturidade se juntará o facto de se tratar de uma obra póstuma, havendo o autor perdido a oportunidade para revê-la definitivamente e seleccioná-la a seu gosto e intento".(3)

As razões do nosso trabalho, justificam-se pelo facto de o texto não ter sido acabado; a ordenação do texto, talvez, não corresponder a vontade do autor; não haver notas explicativas. Uma vez que este texto é estudado no ensino secundário, acreditamos que os

estudantes terão dificuldades na sua compreensão, acontecendo o mesmo com outros leitores.

A nossa pretensão de produzir uma proposta de edição comentada do texto, enquadra-se no propósito de proporcionar a qualquer leitor, uma leitura facilitada, de modo a possibilitar uma melhor compreensão do texto e, a sua contextualização.

Sendo João Dias o iniciador da ficção narrativa moçambicana, será pois de suma importância, que a sua obra seja conhecida, estudada e compreendida pelas gerações futuras.

Há alguns aspectos da biografia de Dias, que poderão ajudar a contextualização deste texto. Eles revelam-se na correspondência travada com a sua família, no início da sua estada em Portugal.

Através da sua leitura, pode-se perceber que João Dias não aceitava os opiniões dos pais e irmãos que queriam que ele não manifestasse os seus intentos, tanto políticos como sociais, pois dizia que era impossível não se manifestar, uma vez que esse manifestar não se consignava só no falar, mas também na maneira de viver, de estar e de ver o mundo (4).

Para melhor compreender João Dias, as razões das suas divergências de opinião com os seus familiares, o motivo da acutilância da linguagem utilizada no texto, socorremo-nos do depoimento do seu amigo, Victor Evaristo. Este escreve que Dias foi sempre marginalizado,

primeiro em Moçambique e mais tarde em Portugal. Uma marginalização que Evaristo atribui ao racismo latente na época, em Portugal.

É ainda Evaristo quem refere a memória da situação de discriminação racial vivida por J. Dias em criança.

Já em Portugal, J. Dias abandonou Coimbra, indo fixar-se em Lisboa, para fugir ao ambiente "sufocante" de Coimbra, pois acreditava que em Lisboa, a dispersão dos estudantes seria maior, e ele passaria despercebido.

Tal não aconteceu: foi vexado quando procurava quarto para alugar; foi humilhado por prostitutas que o beliscavam, dizendo que beliscar um negro dava sorte nos "negócios" (5).

Parecia que este comportamento racista, contra o negro, era generalizado, motivado por um proceder social do branco em relação ao negro, que como sabemos, estava na base da colonização.

A família de João Dias pertencia à "pequena-burguesia" da época, tendo tido, por isso, um estatuto privilegiado. Mas era a sensibilidade de J. Dias, a sua maneira de estar no mundo, de o ver, que não lhe permitia aceitar a ordem social imposta pelo regime colonial.

É este clima ideológico que torna Dias amargo e, por isso, mordaz nas suas críticas ao sistema e à sociedade coloniais.

Foram as condições sociais que positivamente, literalmente, o demoliram. O livro "Godido e Outros Contos", pode ser entendido como o resultado dessa vivência.(6).

1. RECEPÇÃO DE "GODIDO"

Quando se fala em recepção, tem-se em mente não só o leitor comum, como também os editores, os críticos, as escolas, i.é.; todos aqueles que concorrem para legitimar uma obra tanto no plano diacrónico como sincrónico.

Um aspecto relacionado com a recepção, é o horizonte de expectativas, que Kibédi Varga considera "uma espécie de código artístico, que permite ao leitor abordar uma obra recentemente surgida e, portanto desconhecida".(7)

A maior parte dos leitores moçambicanos, independentemente do seu horizonte de expectativas, ao ler o texto de Dias, consegue decodificá-lo: o leitor identifica-se com o texto, pois compreende o como viviam os seus antepassados.

O autor do prefácio da primeira edição, Orlando Albuquerque, diz ter chamado a atenção do público moçambicano, dois anos antes da morte de Dias, para a obra que este começava a produzir, vaticinando-lhe um futuro promissor na área das letras.

Albuquerque, como outros contemporâneos de J. Dias, justifica as razões da mordacidade do autor no seu texto:

"J. Dias não era um santo. Não podia pois oferecer a outra face. Era um homem!...um homem profundamente humano, com as suas virtudes e os seus defeitos!...Não era de admirar que soubesse odiar. A culpa não era dele!...Ensinaram-no!...Obrigaram-no a isso."(8).

Para O. Albuquerque, a reacção de J. Dias assemelhava-se a de Bigger Thomas, personagem de "O Filho Nativo", obra de Richard Wright. (9).

"Estavam-no esmagando muito de perto; eles não lhe deixavam espaço. O que ele queria fazer era outra coisa, mas sentia que não podia, que nunca poderia. Vivia querendo qualquer coisa e sentia que não o deixavam. E reagiu e lutou. Ele sentia que eles eram duros e reagiu duro. Mas ele não era duro. Não era duro nem um bocadinho."(10).

O poeta Rui Knopfli enquadra-se nesta cadeia de recepção da obra de Dias. Conheceram-se em Moçambique, tendo-se reencontrado de novo, mais tarde, em Coimbra, em 1947.

Este poeta considera o texto de João Dias de uma violência calma, o que aparentemente está em sintonia com a naturalidade e expressão calma do autor.

Na citação que se segue, é possível ver que Rui Knopfli une duas entidades, o personagem da narrativa e o

homem, João Dias, comparando-os nas suas vivências, sendo talvez por isso, que o leitor moçambicano, se identifique com o texto, pois nele consegue ver uma parte da sua história:

"É assim mesmo. O conto de João Dias é João Dias, João Dias é Godido. Godido sofre na carne de João Dias. O conto não é de modo nenhum um grito, dada a sua naturalidade e calma expressão, mas acusa ainda mais do que se o fosse.

É a voz intelectualizada duma raça que o não é. João Dias de côr...fala dos problemas dos homens de côr, fala dos seus problemas. Aí a sinceridade é o valor do conto."(11).

Victor Evaristo conviveu com João Dias em dois espaços geográficos diferentes: Moçambique e Portugal. Ele fala dessa relação num artigo publicado na revista Africa Nº 10. Literatuta Arte e Cultura. 1980.

No artigo, ele explica a personalidade do autor, as suas vivências e as razões das suas feridas, "...discriminação racial que João Dias "viveu com excepcional intensidade, agravada por uma sensibilidade que atingia, por vezes, aspectos quase doentios"(12), sendo estas que justificam a acutilância na maneira de escrever.

No mesmo artigo Victor Evaristo, afirma :

"Há uma temática base, camuflada ou explícita, por vezes planfetariamente, numa revolta contra a

marginalização, segregação e ou opressão a que estiveram sujeitos, e uma tomada de consciência clara para a independência e a valorização das heranças culturais indígenas de base ancestral, além de uma exaltação de princípios que animam os novos países, com particular realce para um incentivo à juventude e aos valores socio-culturais do povo..."(13).

No prefácio para as edições 70, Manuel Ferreira faz uma análise profunda da obra de Dias tanto no plano temático, como social, político e sociológico, o que o leva a afirmar haver uma interferência por parte do narrador, pois se nota que o autor assume o papel de narrador, uma vez que as "falas" do narrador transcendem o saber dos personagens.

É ainda Ferreira quem diz haver uma filosofia subjacente de crítica à sociedade, ao relacionamento entre os personagens, de onde se revela um sentido moralizante.

A revista literária "Forja", enquadra-se na cadeia de recepção da obra já referenciada. Ela foi criada no seio da AEMO, por iniciativa de seis jovens escritores, que constituíram a BRIGADA "JOÃO DIAS". O seu intuito era desenvolver um trabalho de dinamização literária, lendo e explicando a poesia moçambicana à operários e estudantes.

Nesta revista, publicaram-se as cartas que Dias escreveu aos seus familiares.(14).



Aquando da 2ª edição de "Godido e Outros Contos", Cyprian Kwilimbe, numa das passagens do seu prefácio, afirma que a recepção foi reduzida.(15). Contudo foram colegas de Dias, da C.E.I., quem, numa tentativa de homenageá-lo, publicaram uma plaqueta de "Godido", com o intuito de angariar fundos para posterior publicação da obra completa, "Godido e Outros Contos". A recepção existiu, por parte de colegas, amigos, poetas, que lhe sucederam.(16).

Achamos que a argumentação de Kwilimbe só se poderá considerar válida, se tivermos em conta dois tipos de leitores, com horizontes de expectativas diferentes:

- um grupo, constituído por colegas da C.E.I., amigos, poetas que lhe dedicaram poemas, leitores comuns, que lendo a obra, com ela se identificam;

- outro grupo, que, talvez, pelo facto de nutrir certas simpatias para com o regime colonial, e por a obra ser um instrumento condenatório desse mesmo sistema, não viram a obra como um objecto literário.

Ainda dentro da recepção, importa fazer uma referência à recepção poética que J. Dias teve, por parte de alguns poetas.

Orlando Albuquerque publicou um livro em 1947, editado pela C.E.I., de Coimbra, com o título de "BATUQUE NEGRO". Neste livro, ele dedica um capítulo a J. Dias, "QUEIMADA DE MATO".(17).

Noémia de Sousa escreve um poema "à memória de João Dias", com o título de "Godido", em que é patente que o personagem Godido simboliza todo o negro, vivendo num meio alheio ao seu, a cidade.(18).

José Craveirinhã faz um poema que eleva Godido, a categoria de entidade que consubstância todo o homem sofredor.(19).

Também o angolano Antero Abreu, dedicou um poema em homenagem a João Dias que tem o título de "J. B. DIAS, NO LEITO DO HOSPITAL".(20).

Do mesmo modo, no âmbito da recepção, a obra de João Dias figura em antologias, nomeadamente as de Maria Aparecida Santilli, Ricardo Ramos. (21).

Do que dissemos sobre a recepção da obra de Dias, pode-se concluir que ela foi vasta. Uma recepção que começou com a primeira edição, cujo prefácio foi escrito por Orlando Albuquerque, em Coimbra, Abril 1952, até os nossos dias, com o capítulo que o autor da edição referida dedica, à Dias, no seu livro BATUQUE NEGRO, editado em 1947 e, reeditado em 1995, passando por toda uma gama de escritores, poetas, leitores, tanto moçambicanos como angolanos e portugueses.

A obra de Dias teve e tem recepção, pois ela, para além de ser uma obra literária, relata, de uma maneira **ficcional, uma parte da história de Moçambique**, não muito distante e, por isso, patente ainda na memória de muitos.

2. GODIDO COMO REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA

Na introdução do texto, João Dias fala sobre o reino de Godido, que efectivamente foi o Império de Gaza, governado por Gungunhana, pai biológico de Godido.

Na tradição oral do sul de Moçambique, ocorre que um monarca seja tratado pelo nome de um dos seus filhos. Godido era o designativo de Gungunhana, o Imperador de Gaza.

A presente narrativa tem uma certa analogia com o referido Império.

Quando se fala em Godido, personagem de ficção, há uma certa referencialidade com Godido, filho de Gungunhana, que após a capitulação do Império, foi deportado para os Açores, juntamente com o pai e outros membros da família real, indo viver para uma terra que não era sua, desconhecida.

Godido e os seus, tiveram que abandonar o reino onde viviam em harmonia com a terra e os seus valores sócio-culturais, para ir enfrentar uma outra terra, distante, desconhecida, com valores sócio-culturais diferentes: onde os valores "imperiais" já não existiam, onde eles já não eram tratados com "Bayette".

Foram desterrados do seu reino, onde tinham milhares de súbditos, pois eles eram as "altezas", para ir viver uma situação diametralmente oposta, em que eles, anteriormente monarcas, passam à condição de vassalos.

No reino, onde a família real residia, existia equilíbrio espiritual e social.

O equilíbrio, a segurança que a família real desfrutava no seu reino e, posteriormente se perdera, assemelha-se à situação que Godido tivera na sua aldeia, antes da chegada o colonizador, perdendo-a com a sua chegada, pois que com a ocupação deste espaço, toda a realidade se desmoronou, todos os valores foram adulterados, espezinados, contaminados pela "civilização".

Como o Godido desterrado para os Açores, que não pôde, não conseguiu ou não quis estudar, para se manter fiel à tradição da oralidade, o negro (Godido), agora residente na cidade, simplesmente aprendeu a lavar pratos e panelas.

Na cidade, ele não encontrou a pretendida pureza, outrora existente na sua aldeia. Encontrou-a impura, perversa, espaço contaminado pela "dita" civilização superior, situação idêntica à por ele deixada na aldeia natal, trazida por srs. Costas que também viviam na cidade, com outros nomes.

Esta perversidade, Godido sentiu-a na carne pois era fortemente discriminado: por não ser branco, não podia viajar no comboio, na carruagem de primeira classe; por não ser assimilado, não lhe era permitido viajar na carruagem de segunda classe; sendo incivilizado, indígena, era-lhe permitido viajar na carruagem de

terceira classe; viajando nesta classe e, tendo-se esquecido de comprar o bilhete, foi rudemente espancado; outro passageiro, nas mesmas condições que ele, abandona a carruagem em movimento (22).

Godido, no texto, personifica todo o negro, que tendo abandonado a sua terra natal, a aldeia, indo para a cidade, encontrou uma situação pior que a anterior, pois "caiu" no meio de uma sociedade organizada, "civilizada" e, por isso impura, comparativamente à aldeia natal.

Vivendo neste estado de espírito, o sujeito da narrativa reage a esta tentativa de aniquilamento, transportando consigo, inicialmente, não a revolta, mas a insinuação da necessidade de reagir ao universo adverso e, criar a mudança, veiculada através do Desejo e da Esperança :

"A madrugada vinha perto. Com farrapos de luar chegariam os ardinias. E os jornais já não diriam que um negro atrevido...etc.,...Amanhã não haveria negros. Só HOMENS por toda a parte. E os jornais seriam dos Homens porque eram dos negros também. "p.40 (23).

Godido, membro da família real, deportado, a única oportunidade que terá tido para se rebelar contra a situação social que lhe fora imposta, terá sido, talvez, o facto de não ter querido estudar.

Comparativamente, o personagem ficcional da narrativa, Godido, entidade negra, que no passado, na sua aldeia, fora subjogado pelo colonizador e, na cidade, a

situação não se alterou, não se deixou abater: rebelou-se.

O seu espírito, a sua determinação, o seu "Ódio a civilizações tidas por superiores por nelas se esconder qualquer coisa de nefasto." p. 24 (24), impuseram-se, forçando a uma reacção, que o tempo histórico conferiu autenticidade:

"Agora, aquele grupo negro de cabeças, até ali esborrachadas no chão, falou, a plenos pulmões, cabeça erguida, no seu primeiro canto, o canto do despertar." p.40 (25).

Em "Sonho de Negro" podemos ver a concretização desse desejo, dessa esperança, quando Godido mata o sr. Antunes.

Com a morte do sr. Antunes, consumou-se um desejo, realizou-se um sonho. Começa a surgir a possibilidade de os dois espaços, a aldeia e a cidade, coexistirem.

Esta coexistência permitiria a Godido/Negro deixar de pensar que, estando na cidade, estaria desterrado, na sua própria terra.

3. PROPOSTA DE FIXAÇÃO DO TEXTO

Pretendendo propôr uma nova ordenação das partes do texto, importa definir alguns conceitos teóricos, pois que por nossa parte, não achamos adequado que o texto de J. Dias seja chamado de "Conto", uma vez que a sua estrutura não se integra no género concebido como conto.

Tendo em conta a estrutura do texto, o facto de este não ter sido acabado, considerando a leitura que João Dias terá feito ao livro "O Filho Nativo" e ao prefácio do mesmo, achamos que Dias, talvez, tivesse pretendido escrever um uma narrativa longa, romance ou novela. A sua morte inviabilizou tal projecto.

Como texto narrativo, temos narrador e personagens, que vão "fazer" a história. A narrativa é constituída por:

a) Acontecimento: história narrada, no sentido em que evoca uma certa sequência de acontecimentos, se bem que ela não exista a nível dos próprios acontecimentos. É pois uma abstração, uma vez percebida e narrada por alguém que não existe "em si".

b) Personagens: Godido, Carlota, Josefa, etc., participantes da diegese.

c) Espacialidade: aldeia e cidade, onde decorre a história. O narrador fala de outros espaços, como o Brasil.

d) Temporalidade: a história decorre durante o período colonial, um tempo particular da vida de Godido, se bem que o narrador ultrapasse esse tempo.(26)

Estes quatro constituintes encontra-mo-los no texto em estudo, embora relativamente à temporalidade ocorram *algumas incongruências*, pois que determinadas acções da narrativa encontram-se desfasadas em relação a sua ocorrência.

Para Jacinto do Prado Coelho, "conto", na literatura portuguesa, é uma narração que encerra uma lição moral, havendo preferência ao relato de aventuras "acontecidas", no presente ou num passado mais ou menos longo...o conto vai-se definindo ...como um episódio vivido, relatando um caso singular onde o autor interveio ou de que teve conhecimento e, concebido literalmente como um romance curto, ou prefiguração de um romance eventual.(27)

Seguindo linearmente o texto, deparamos com uma estrutura gráfica correspondente a grandes conjuntos de acções:

Conjunto A- O nascimento de Godido.

Conjunto B- Godido na cidade, na prisão, a saída do cárcere e afectação na casa do chefe Santos, e a viagem de comboio.

Conjunto C- Com o título de "Sonho de Negro", relata a materialização da consciência adquirida, consumada com a morte do sr. Antunes; Godido é levado em glória.

Conjunto D- Com o título de Godido (Extra), relata-se a chegada do branco, nascimento de Godido, crescimento e partida para a cidade.

3.1. ORDENAÇÃO DOS EXCERTOS

Conjunto A , que tem início na p.21 e fim na p.23 e, conjunto D , que começa na p.41 e acaba na p.44, com o título de "Godido (Extra)".

Conjunto A

- a) Carlota, na sua palhota, em serviço de parto.
- b) A aldeia não comemora o nascimento de Godido

Conjunto D

- a) Chegada do sr. Costa à aldeia de que passa a controlar a produção e a mão de obra.
- b) escoamento dos produtos da aldeia para a cidade e o surgimento da fome.
- c) Período de gestação de Carlota, seguido do parto.
- d) Continuação da relação de Carlota com os negros e o branco.
- e) Meninice, puberdade e juventude de Godido.
- f) Carlota prepara o filho para abandonar a aldeia e, a partida deste.

Os dois conjuntos, A e D tratam do nascimento de Godido, parecendo-nos o conjunto D, uma ampliação de A, uma vez que é mais completa. Isso é notório pelo facto de, no conjunto A, haver simplesmente um relato do nascimento de Godido.

O conjunto D, para além do relato do nascimento do Godido, trata da vida deste, do seu crescimento, da sua adolescência, da influência exercida pela mãe para que ele abandone a aldeia. Relatam-se também os antecedentes da aldeia e da sua dessacralização.

O autor, talvez tivesse pretendido, posteriormente, escolhe-lo para iniciar o texto.

Os dois conjuntos, i.e., o texto constituído por estas narrativas, relacionam-se com enunciados (sequência de enunciados) de determinada extensão, se considerarmos um discurso constituído por diferentes frases, como podemos ver tanto em Godido (Extra), como no conjunto A.

Qualquer enunciado, como por exemplo, o constante no conjunto A: "E António repetia "meu filho, meu filho", esquecendo-se que Carlota também ali estava, mas era filho dele..."p.22. participa de uma "continuidade" temporal, pois é escrito/pronunciado "linearmente", possuindo uma certa "unidade".

Maior unidade estrutural parece-nos haver no conjunto D, pois existe uma maior descrição das acções da narrativa, comparativamente ao conjunto A, possibilitando maior facilidade de compreensão.

Os conjuntos B e C, respectivamente da pg. 24 à pg.36, e da pg.37, à pg. 40; o último, com o título de "SONHO DE NEGRO".

Conjunto B

- a) Vida de Godido na cidade, na cadeia.
- b) A saída de Godido da cadeia.
- c) A sua afectação, com Zefania, na casa do Santos.
- d) A festa de Natal, em casa da família Santos.
- e) A agressão que Godido sofre por parte dos meninos brancos.
- f) Espancamento que Godido sofre no comboio.

g) A fuga, do comboio em movimento, de um passageiro.

Conjunto C. Sonho de Negro.

a) Godido aproxima-se do sr. Antunes e, mata-o.

Antecedentes:

- chegada do Antunes, no seu Buick.

- chegada de Josefa, que se dirige ao carro do Antunes.

- Josefa agredida e expulsa do carro.

- Godido mata o Antunes.

b) Apitos de polícias; Josefa, a adúltera, é abandonada.

c) Godido, é arrastado em glória.

Em termos de ordenação final dos excertos, seríamos de propor A ou D (com predominância para D, pelo que já expusemos), C e D.

3.2. LEITURA DE "GODIDO" COMO PROPOSTA DE ROMANCE

O texto que nos propomos comentar, em termos literários, insere-se no "Modo Narrativo", se entendermos "Modo" como sendo uma categoria meta-histórica, representando determinadas configurações semântico-pragmáticas, constantes e permanentes, decorrentes da atitude do homem perante a natureza, a vida e, perante si. O modo existe fora da literatura, pois se trata de enunciação, que em si é linguística, logo, a-histórica e a-temporal.(28).

Gêneros literários, constituem por um lado, um conjunto de procedimentos técnico-formais e por outro lado, um agrupamento de textos com uma determinada configuração, decorrente de determinadas correntes sócio-históricas, recorrendo ao policódigo literário. São categorias históricas, regionais e contingentes.(29).

No caso do texto em estudo, que foi editado postumamente, observamos que, diferentemente das outras doze narrativas, que se coadunam com o conceito de conto, definido por Prado Coelho, este afasta-se desta definição, pois para além da sua extensão, apresenta certas incongruências relacionadas com a temporalidade; além disso, o personagem ficcional da narrativa, adquire consciência da sua condição de negro, o que o leva a clamar vingança.

Na literatura angolana, começa a surgir o conceito de "Estória". Achamos que o texto "Godido" não é uma Estória, se tivermos em conta que Estória, é um acontecimento contado ou escrito, muito localizado, sendo a sua dimensão, regional ou local: o musseque, a senzala, o bairro proletário fora do perímetro urbanizado da cidade.(30).

Por definição, uma Estória não tem uma dimensão psicológica, como acontece em "Godido",

Uma Estória é uma narrativa curta, autónoma e que *descreve as vicissitudes das camadas mais desfavorecidas.* (31).

Carlos Reis define romance como um género de larga projecção cultural, fruto de uma popularidade e de uma atenção por parte dos seus cultores. Afirma ainda que o romance é talhado para modelizar em registo ficcional, os conflitos, as tensões e o devir no Homem inscrito na História e na Sociedade. No romance relata-se normalmente uma acção relativamente extensa, eventualmente complicada por ramificações secundárias, podendo incluir componentes de ordem social, cultural ou psicológica e envolvendo de modo decisivo o destino das personagens, que são intérpretes da acção.(32).

A estrutura do texto em estudo, enquadra-se dentro desta definição.

A presente narrativa apresenta-se-nos com certas semelhanças com a narrativa/romance de Richard Wright, "O Filho Nativo".

Bigger Thomas, personagem de "O Filho Nativo", tem um curso de vida semelhante ao de Godido, personagem de "Godido".

Bigger Thomas abandona a zona sub-urbana, onde as condições de vida lhe eram adversas, passando a viver na cidade, trabalhando para uma família branca, cujos hábitos sócio-culturais, eram diferentes dos de Thomas, de tal sorte que este se sente violado, na sua integridade psicológica.

Este personagem personifica o homem negro americano.

Este estado de coisas continua, de tal sorte que o desfecho é uma morte, involuntária, e a prisão de Bigger Thomas.

Analogamente, Godido abandona a aldeia, pois não suporta as suas condições de vida, sendo-lhe insuportável ver a sua mãe trabalhar de sol a sol, ter que ser o bode expiatório do sexo, tanto para o branco como para os negros.

Já na cidade, sofre agressões, físicas e morais. O que acontecera com a sua mãe, ter que se amantizar com um branco, ele vê o mesmo repetir-se, em relação à sua esposa Josefa.

Este estado de coisas, fâ-lo matar voluntariamente, o branco, amante de sua mulher.

Com esta morte, com este acto de violência, há como que uma libertação, uma saída da situação de colonizado, que só poderia resultar de um acto de violência, pois este purifica.(33)

Godido é glorificado, pois desafiou e venceu o homem branco.

Godido não é preso. É elevado à condição de herói dos negros, pois que com a morte do branco, como que vêm, um futuro em que a vida melhorará: "A madrugada vinha perto...Amanhã não haveria negros. Só HOMENS por toda a parte..."pg.40

Foi nossa pretensão apresentar as semelhanças de procedimentos entre os dois personagens, para darmos substância ao nosso ponto de vista, de que o texto de Dias aproxima-se mais de uma narrativa longa (romance ou novela), sugerida pelo prefácio do livro "O Filho Nativo".

A obra de Wright é um romance. O enredo de Dias, em "Godido", assemelha-se ao enredo que Wright dá à "O Filho Nativo".

"O Filho Nativo" é editado em 1940, dentro do período de vida de Dias. Dias leu a obra de Wright e nela se inspirou. As diegeses das duas obras assemelham-se. O. Albuquerque, afirma, no prefácio da primeira edição, que "J. Dias se comparou com o "rato" do livro de R. Wright".

J. Dias viveu num cárcere, que consistiu no espaço geográfico onde nasceu, cresceu, estudou e morreu. Godido, personagem principal da sua obra, também teve os mesmos "privilégios", como o personagem de "O Filho Nativo": estes, de facto, estiveram no cárcere.

São estes motivos, o enredo semelhante, as situações vividas pelos dois personagens serem idênticas, que nos levam a concluir que ele leu e se inspirou no livro de R. Wright, "O Filho Nativo".

Esta inspiração, não foi só de conteúdo, mas também da forma, o que nos leva a concluir que, o projecto de João Dias talvez fosse um romance ou novela.



4. PROPOSTA DE NOTAS EXPLICATIVAS

São vários os motivos que nos levam, hoje, a propor que o texto seja acompanhado de notas explicativas. O facto de o autor não ter revisto o texto, de este não ter sido acabado e, a sua edição ter sido feita postumamente, são alguns desses motivos.

Sendo "Godido" um texto que faz parte do curriculum escolar, importa que no processo de leccionação, tanto professores como alunos, tenham uma base de dados, que lhes permita uma abordagem do texto, permitindo-lhes a compreensão e explicação do mesmo.

Por isso achamos importante apresentar algumas notas explicativas.

Tratando-se de um Trabalho de Projecto, o levantamento de dados não será exaustivo.

No levantamento de dados que constituirão as notas explicativas, propomo-nos explicar o uso de determinado léxico, certas construções frásicas, algumas gralhas e incongruências.

LÉXICO

Senzala-termo utilizado em Angola, que advém do Quimbundo, para designar uma povoação indígena. Para o caso de Moçambique, o termo corespondente é aldeia.

nhá- *forma abreviada para designar "senhora", em Angola e talvez também, no Brazil.*

Sinhara-o mesmo que senhora, sendo o termo usado no Brazil.

Morro- palavra utilizada no Brazil para designar uma elevação, que no passado, servia de local de abrigo para escravos que fugiam das plantações. O morro permitia-lhes exercer vigilância e defesa.

A presença destes termos e, de outros, no texto, relaciona-se, talvez, com o facto de Dias ter convivido com estudantes de outros quadrantes do mundo, sendo também de considerar que, J. Dias colaborando em vários jornais, tinha acesso a informação de diferentes partes do mundo.

CONSTRUÇÕES FRÁSICAS

Certas frases fogem à estrutura morfológica e sintática do português corrente:

1) "Barranco a mandá e os preto como boi a puxá charrua, a simiá...até fim." pg.29

2) "Escola pra preto num tinha. Branco estava a falar cos preto é só cavari, cavari ni chão" . pg.43.

O narrador atribui este falar à negros, que conhecendo mal o português, mas dominando bem a sua língua nativa, por influência desta, podem produzir um discurso deste tipo, devido a interferência da língua materna na língua portuguesa.

Aquando da produção deste texto, um dos movimentos ***literários que existia em Portugal, era o neo-realismo.***

Este movimento surgiu em países de regimes

dictatoriais, o que fez com que os artistas, nas suas produções artísticas e literárias, estivessem virados para a realidade quotidiana, retratando a vida das classes mais desfavorecidas, utilizando, inclusivé, a sua maneira de falar. O artista identificava-se com estas classes.

Este movimento surge depois da segunda guerra mundial, altura em que o texto é produzido. João Dias terá sofrido a influência deste movimento.

GRALHAS

Barranco-Brranco-Branco.

Patarrão-Patrrão-Patrão.

Prreto-Preto.

Há uma certa arbitrariedade no uso dos termos referenciados.

Se se considerar que o autor pretendia seguir o modelo neo-realista, retratando a realidade circundante, que ele fazia questão de representar nas suas obras, poder-se-á concluir que existem erros, que o autor não pôde corrigir, ou então serão erros de edição.

INCONGRUÊNCIAS

No início ao conjunto B, Godido refere-se a Bobby, cão da Isaura, estando ainda na cadeia. A incongruência reside no facto de ele só vir a conhece-la, mais tarde, quando saído da prisão e trabalhando na casa do Santos.

A trabalhar na casa do Santos (conjunto B), Godido fala de Josefa, que é contextualizada no conjunto C, Sonho de Negro.

As fontes utilizadas para a definição dos conceitos, foram dicionários e conhecimentos adquiridos em aulas.

5. CONCLUSÃO



Pretendemos, com o presente trabalho, sustentar o propósito apresentado no tema, de apresentar uma proposta de edição comentada de "Godido", tecendo argumentos que defendem a hipótese de o texto corresponder a um projecto de romance ou novela.

Ao longo do texto tentamos mostrar que o facto de o texto não ter sido acabado, Godido ter adquirido a consciência de pertencer à raça negra, a bispacialidade de vivência do personagem, o facto de a narrativa ser longa, a seriação talvez não ter sido a pretendida pelo autor, serem factores que nos levam a pensar que, o projecto do autor talvez não fosse a produção de conto.

Procuramos mostrar que o facto de os personagens tanto de "Godido", como de "O Filho Nativo" apresentarem certas semelhanças, poderão ser explicadas pelo facto de, por parte de João Dias ter sofrido certa influência da **leitura que terá feito ao livro e prefácio de Richard Wright**

É nesta base que propomos designar, o texto de Dias, de projecto de romance ou novela, tendo em conta a definição de Carlos Reis.

Sabemos que o nosso trabalho não está concluído, mas trata-se simplesmente de trabalho de projecto, onde se pretendeu apresentar alguns fundamentos para um trabalho futuro, mais completo.

Anexo A

QUEIMADA DE MATO

Ao João dias

"Ah! Como é bom este cheiro a capim queimado
que eu recebo de muito longe, muito longe...
O cheiro dos pinhais mais afamados
não tem mais valor para o monge
que eu sou do meu mundo-Exilado".(17)

Anexo B

GODIDO

a memória de João Dias

"Dos longes do meu sertão natal
eu descí à cidade da civilização.
Embriaguei-me de pasmo entre os astros
suspensos nos postes das ruas
e a atracção das montras nuas
tomou-me a respiração.
Todo esse brilho de névoa, ténuo e superficial
que envolve a capital
me cegou e fez de mim coisa sua.

Quando cheguei,
trazia no olhar a luz verde dos negros simples
e uma dádiva maravilhosa em cada mão.

Mas a cidade, a cidade, a cidade!
Esmagou com os pneus do seu luxo,
sem caridade,
meus pés cortados nos trilhos duros do sertão.
*Encarcerou-me numa neblina que palpável de ódio e
despreso,*

e ignorando a luz verde do meu olhar,
a maravilhosa oferta
(essa estrela, esse tesouro) de cada minha mão
aberta,
exigiu-me impiedosamente a abdicação
da minha qualidade intangível de ser humano!

Nas noites frias,
sem batuque, sem lua,
as estrelas continuaram brilhando, insensíveis,
atavés da cacimba, suspensas dos postes da rua.
Minha consolação:
Minha mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,
mornas como o sol de inverno...
minha Mãe vencendo a cacimba e a solidão,
para me vir belekar,
humilde e sofredora, com suas tocantes canções de
acalantar!

Ah, mas eu não me deixei adormecer!
Levantei-me e gritei contra a noite sem lua,
sem batuque, sem nada que me falasse da minha
Africa,
da sua beleza majestosa e natural,
sem uma única gota da sua magia!
A luz verde incendiou-se no meu olhar

e foi fogueira vermelha na noite fria
dos revoltados.

Ainda grito,
porque quero ser ainda, sempre, pela vida fora,
o que fui outrora:
Rainha nas costas da minha mãe.

Como tu, meu irmão negro, desorientado e perdido,
na cidade cruel...

Como tu!

Por isso é que este meu canto ingénuo que soa banal,
traz no meu fundo mais fundo, Godido, meu irmão
a marca rubra dum selo fraternal,
constante e imortal!(18).

L.M.8/6/50

Anexo C

IN MEMORIAM

"Godido

trazia Umbeluzis de esperança fermentando
na ânsia da hora das mãos dadas
mas era cedo ainda para os sonhos de Godido.

Godido

ficou à esquina da rua dos sonhos
sentimentalmente
envenenado de desespero.

Na infinita rua dos sonhos de Godido
veio o pesadelo
e levou-o.(19)

(O Brado Africano, 2.4.55)

Anexo D

J. B. Dias, NO LEITO DO HOSPITAL

Tudo aqui é branco
A cama e os lençóis
E o mosaico que brilha...
Tudo aqui é branco
As batas e os enfermeiros
O tecto que não olho
E a arrastadeira...
Escuro aqui só eu
Bola preta que rola
No travesseiro lavado.
Parece-me estar a ouvir os enfermeiros:
O doente do número treze,
O doente do vinte e quatro...
E o doente preto.
Tudo aqui é branco.
Tudo, menos eu.
De manhã a enfermeira
Tira-me a temperatura.
É velha ou nova, bonita ou feia?
É branca.
"Senhora enfermeira , dê-me a sua mão"
Ai o negro de Michael Gold.
Eu não peço a mão da enfermeira.

Aqui tudo é branco
Tudo aqui é branco
Menos esta bola preta
Em que os olhos se escondem.
"Formas alvas, formas brancas..."
Serão assim os versos?
Ah, que importa isso agora?
Julgo que vou morrer
Morrer assim sozinho
Sozinho no meio de tantas coisas brancas
Que giram, que giram à minha volta.
"Formas alvas, formas brancas"
"A sua mão enfermeira"
Batas brancas, parede, tecto, tudo
Branco, branco, branco...
A morte será branca? (20)

Cimbra, 1950 (1951?)

Inédito

Notas e Referências Bibliográficas.

(1) EYARISTO, Victor. "Algumas Acheugas e Pistas para o Caso de Moçambique". Africa 10. Literatura-Arte e Cultura. Lisboa. Outubro-Dezembro. 1980. pg.566.

(2) Prefácio manuscrito de Manuel Ferreira, escrito 10/07/1981, que não chegou a ser publicado pela editora portuguesa "Edições 70". Informação de Fátima Mendonça.

(3) Ob. Cit. (2).

(4) Revista Literária "FORJA". Nº1, 1987; Nº2 (Janeiro à Março de 1988); Nº3 (Outubro à Dezembro de 1988). Maputo. Editora AEMO.

A revista devia ter uma tiragem trimestral, mas não teve mais nenhuma edição depois de 1988.

(5) Ob. Cit. (1).

(6) Ob. Cit. (1).

(7) VARGA, A. Kibédi. Teoria da Literatura. Lisboa Editorial Presença. . 1981. pgs. 66 à 76.

(8) ALBUQUERQUE, Orlando. Prefácio da 1ª edição: "Godido e Outros Contos". Coimbra. Abril 1952

(9) Ob. Cit. (8).

(10) Ob. Cit. (8)

(11) KNOPFLI, Rui. "A propósito de João Dias". in Itinerário. Lourenço Marques. Agosto. 1950. pgs. 8 e 12.

(12) Ob. Cit. (1)

(13) Ob. Cit. (1).

(14) Ob. Cit. (4)

(15) KWIILIMBE, Ciprian. Prefácio da 2ª edição de "Godido e Outros Contos". Maputo. AEMO . Novembro. 1988.

(16) Ob. Cit. (2).

(17) ALBUQUERQUE, Orlando. "Batuque Negro". Edições APPACDM. Distrital de Braga. Braga. 1995.

(18) Poemas de Noémia de Sousa. "Godido". A memoria de João Dias. (08/05/1950). Editados pela UEM.

(19) CRAVEIRINHA, José. "IN MEMORIAM". O Brado Africano. 02/04/1955.

(20) J. B. Dias no leito do hospital". Coimbra. 1950 (ou 1951) in Manuel Ferreira, No Reino de Caliban, vol. 2. Lisboa. Seara Nova. 1976. p.124-125.

(21) SANTILLI, Maria Aparecida. "Estórias Africanas". S. Paulo. Editora Atila. 1985.

RAMOS, Ricardo. "Contos Moçambicanos". S. Paulo. Global Editora. 1990. Publicado em coedição com a livraria Universal. Maputo. Moçambique.

(22) A direcção dos Serviços de Fazenda, promulgara uma lei que estipulava quem estava autorizado a viajar em que classe, nos comboios. Essa divisão era na base de categorias sociais. In "O Brado Africano". Artigo "Uma Injustiça". 1935.

(23) DIAS, João. "Godido e Outros Contos". 1ª edição. Coimbra Abril 1952.

(24) Ob. Cit. (23)

(25) Ob. Cit. (23)

(26) BARTHES, Roland. BREMOND, Claude. GREIMAS, A. J. et. al. Análise Estrutural da Narrativa. 4ª edição. Petrópolis, R. J. Editora Vozes. 1976.

(27) COELHO, Jacinto do Prado. Dicionário da Literatura. 3ª edição. Figueirinhas, Porto. Academia de Ciências e Faculdade de Letras de Lisboa. 1984.

(28) e SILVA, Victor Manuel de Aguiar. Teoria da Literatura. 6ª edição revista. Livraria Almedina. Coimbra. 1984.

(29) Ob. Cit. (28)

(30) Ob. Cit. (21)

(31) Ob. Cit. (21)

(32) REIS, Carlos. M. LOPES, Ana Cristina. Dicionário de Narratologia. 2ª edição. Livraria Almedina. Coimbra. 1990.

(34) FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Lisboa. Ulmeiro. is/dz.

BIBLIOGRAFIA

- (1). BARTHES, Roland. BREMOND, Claude. GREIMAS, A.J. et.al. Análise Estrutural da Narrativa. Quarta Edição. Petrópolis, R.J. Editora Vozes. 1976.
- (2). COELHO, Jacinto do Prado. Dicionário de Literatura. Terceira Edição. Figueirinhos, Porto. Academia das Ciências e Faculdade de Letras de Lisboa. 1984.
- (3). DIAS, João. Godido. Primeira Edição. Coimbra. 1952.
- (4). EVARISTO, Victor. Algumas Achezas e Pistas para o caso de Moçambique. Africa. Nº 10. Literatura- Arte e Cultura. 1980.
- (5). FERREIRA, Manuel. Prefácio (não publicado). "Da incapacidade órfica de amainar o ódio". 1981. Cedido por Fátima Mendonça.
- (6). FEUSER, Willfried. Aspectos da Literatura do Mundo Negro. Gráfica Olímpica. Brasil. 1969
- (7). LEITE, Ana Mafalda. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Lisboa. ACARTE. 1987.
- (8). MATUSSE, Gilberto. A Construção da Imagem de Moçambicanidade em José Craveirinha e Ungulane Ba Ka Khosa. Dissertação, Mestrado. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 1993.
- (9). VARGA, Kibédi A. Teoria da Literatura. Editorial Presença. Lisboa. 1981.

- (10). WRIGHT, Richard. The Native Son. Penguin Books. 1940.
- (11). Itinerário. "A propósito de João Dias". Por Rui Knopfli. Lourenço Marques. Agosto 1950
- (12). Revista Literaria-Forja. Nº 1, 1987. Nºs 2 e 3, 1988.
- (13) e SILVA, Victor Manuel de Aguiar. Teoria da literatura. Livraria Almedina. Coimbra.
- (14). REIS, Carlos. Técnicas de Análise Textual. 2ª Edição Revista. Livraria Almedina. Coimbra. 1981.
- (15). SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias Africanas. Editora Atica. S. Paulo. 1985.

CURRICULUM VITAE
DE

Luis Vasconcelos Pedro.

Identificação.

Nome: Luis Vasconcelos Pedro.
Filiação: Pedro Capitine e Lúcia Salomão
Capitine
Naturalidade: Moçambicana.
Data de Nascimento: 21 de Julho de 1958.
Estado Civil: Casado.
Residência: Cidade de Maputo, Bairro da
Malhangalene, Rua da Vila real.
Nº12, R/C.
Profissão: Militar, Piloto Técnico - Médio
de Aviação.
Bilhete de Identidade: Nº 273919, emitido pelo arquivo
de identificação de Inhambane.

1. HABILITAÇÕES LITERÁRIAS.

- a)1991 - 1996: Na U.E.M. Faculdade de Letras,
Curso de Linguística.
- b)1977 - 1980: Cadete na Escola Militar de
Aviação, Frunze , U.R.S.S.

- c)1976 - 1977: Cadete na Escola de pilotagem AB-8, Maputo - Moçambique.
- d)1974 - 1976: Ensino secundário, 4º, 5º e 6º anos, Liceu António Enes-Maputo.
- e)1973 - 1974: Ensino secundário, 3º ano, Liceu Gago Coutinho e Sacadura Cabral - Nampula.
- f)1969 - 1972: Ensino secundário, 1º e 2º anos, Colégio S. João de Brito, Angoche - Nampula.
- g)1964 - 1968: Ensino Primário, Asilo de Sto. António, Maputo. Escola Primária de Angoche - Nampula.

2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

- a)1977 - 1980: Cadete na Escola Militar de Aviação, Frunze, U.R.S.S.
- b)1976 - 1977: Cadete na Escola de Pilotagem AB-8, Maputo - Moçambique.

3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.

- a)1985 - 1989: Chefe do Estado Maior da Base Aérea da Beira.
- b)1982 - 1985: Vice - Chefe do Estado Maior da Base Aérea da Beira.
- c)1980 - 1982: Piloto - Chefe de Esquadra.

d)1980 - 1989:

Piloto de Aviões a Jato (656
Horas de Voo).

e)1975 - 1976:

Profesor no Liceu 5 de Outubro
(Josina Machel), disciplina de
Português.

4. OUTRAS INFORMAÇÕES.

Carta de Condução nº B - 40636.

Possui residência própria na
Beira.

Pode deslocar-se.

Pai de dois filhos.

ERRATA

<u>Página/Linha</u>	<u>Onde se lê</u>	<u>Leia-se</u>
Agradecimentos/Linha 4	afinalização	a finalização
Agradecimentos/Linha 9	consustanciana	consustancia na
Página 1/Linha 16	a sua à sua	a sua
Página 2/Linha 9	chegado solicitar	chegada a solicitar
N. R. B. (2).	escrito 10/07/81	escrito a 10/07/81
Página 3/Linha 17	os opiniões	as opiniões
N. R. B. (21).	Global	Global
N. R. B. (23).	Abbril	Abril
Página 17/Linha 20	nascimento do	nascimento de
Página 19/Linha 14	predominância	preferência
N. R. B.	(34)	(33)
Página 27/Linha 17	serem	são

N. R. B.= Notas e Referências Bibliográficas